

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

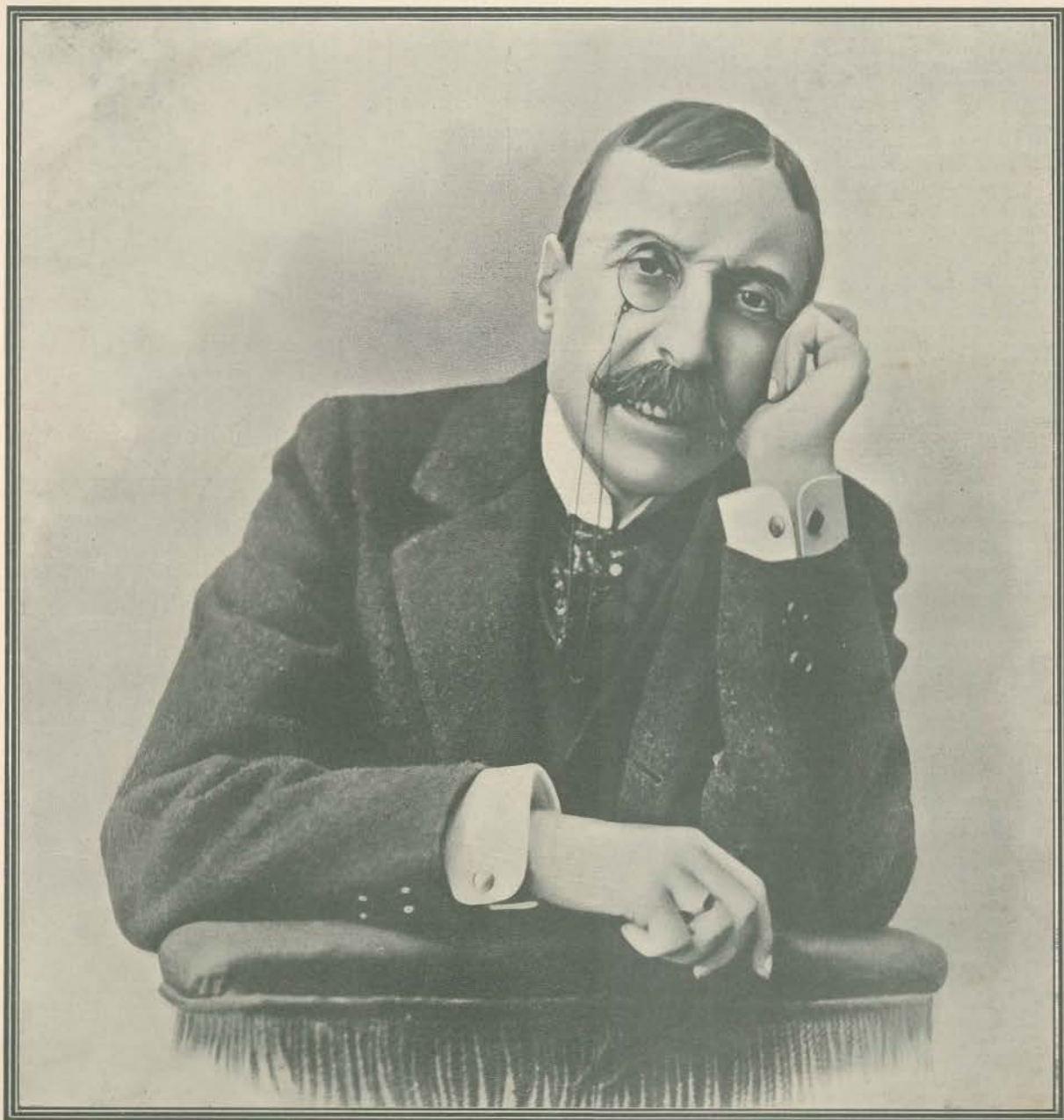
PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 1903

NUMERO 2



EÇA DE QUEIRCOZ

CHRONICA

A gente do Eça

No primeiro dia da semana, os amigos d'Eça de Queiroz foram inaugurar o monumento, n'uma rotagem de saudade e de justiça, pela tarde parida, levemente abafada de novembro.

Esse busto forte, de um cunho esmagador, onde ha uma nota intensa e onde ha uma psychologia a revelar-se nos fios nervosos das faces, nas rugas sinuosas da testa, foi entregue á Verdade e foi entregue ao municipio; á Verdade de seios turgidos que, meia pudica no veu diaphano da phantasia, se quarteia, com os labios para os labios d'elle, com os olhos para os seus olhos, de braços abertos, n'um arroubo, a prometter-lhe a alma religiosamente guardada na sua carne, que parece viver, um poucochinho espirital, um poucochinho gaiata; ao municipio, que no final do seu consulado fará vinte sessões para ajardinar o largo do Quintella e outras tantas para mandar pintar a barra de ferro que orla o recinto.

Isso mesmo me deu a entender o sr. conde de Govvarinho, que está na opposição, quando viu chegar o sr. conde de Ribamar cofiando o bigode grisalho, solemne, com os seus oculos de ouro e com os seus conhecimentos de Historia e de Política. O conselheiro Acacio descobriu ante elle a calva luzidia, vasta e polida, um poucochinho amolgada no alto, e exclamou, de mão espalmada:

— Manifestações d'esta natureza honram quem deu licença para ellas se fazerem, honram quem a ellas assiste.

A custo, o sr. conselheiro Acacio conteve um viva no ministerio no seu lenço de seda da India, onde o abafou com um espirro, ao mesmo tempo que exclamava:

— Grande talento! Grande talento! Não se pôde dizer que tivesse aquelle estylo do nosso Hercules, ou de nosso Garrett, mas... Viva o ministerio!

— Emfim, Acacio, ligeiramente corado, mais alliviadinho, serenou.

E os amigos do grande escriptor, bellos espiritos, como o d'elle, almas que o amaram, homens de vasta illustração, artistas que o estremeeceram e que o respeitaram, deviam evocar a galeria das suas figuras — *A gente do Eça* — que ali estava a manifestar-se, burocratica e em pose, com o Govvarinho e com o Ribamar.

N'um angulo, ao lado do primo Basilio, que trazia luvas *gris perle* e um côco novo de chapelaria londrina, estava o padre Amaro a cubiçar os braços tenros da figura, recordando os da Ameliasinha, enquanto o outro se lembrava da Luiza, ao vela assim n'um arrepio e ao mesmo tempo ao sentila fria no seu marmore como uma linda mulher insensível na pedra.

E o Basilio lastimava em mente não ter trazido a Alphonsine, enquanto o visconde Reynaldo, n'um paletot largo, encaido de verniz em botas de presilhas marcadas pelo distico de um estabelecimento de *Regent Street*, torcia a venta e declarava:

— Shocking... O Basilio, estás um lamecha... Cousas portuguezas!... O menino, não é feiasinha! Mas portuguezas!... Ora levanta-lhe a tunica! A posto que usa ligas de algodão! Vamos fazer as malas!

Ao lado, o Palma Cavallão leveu um riso grosso ao sentir que s. ex. talvez preferisse as hespanholas, sentiu uma vaidadesinha e tomou um apontamento para a *Corneta do Diabo*.

O Thomaz de Alencar, de face escaveirada, todo calvo na frente, os aneis fôlos e românticos da grenha secca surdindo de sob as abas do chapou velho, declamava:

— O naturalismo d'essa estatua. Puf... Que coisa!... e batendo no hombro do Carlos de Maia, que estava triste, disse-lhe:

— Meu rapaz... Por esta luz que nos alumia, antes queria outra coisa... Nada mais que um ramo de saudades, só, simples, symbolico... Ah? Que dizes, meu rapaz?

Levou a mão á grenha e rosnou uns versos a Elvira. Por fim, acachapado, condescendente, disse:

— Emfim, tudo é arte! Não vou achando feio o tal naturalismo... O filho, tens ahí um charuto?... Assim foi decorrendo a cerimonia no resoar das phrasas sentidas e de amizade, assim foi passando a hora em que os grandes amigos d'Eça de Queiroz inauguraram o monumento diante dos personagens que o grande escriptor criou, deante de todos elles, que ainda ali estavam com a mesma vida e com o mesmo cunho, eguaes e flagrantes: o Eusebiosinho, muito encolhido e com um furunculo, o Palma

Cavallão de pança saliente e de lapis em punho, o chapou para traz, na tarde suja d'esse começo de semana, tirando apontamentos.

O Basilio suspirou, tomou o braço ao visconde Reynaldo, mal fixou o conselheiro Acacio, que ia para elle de mão estendida, a clamar:

— V. ex. de volta! Oh! E como vão essas Paris, essas Londres... Afastou-se desdenhoso e com o visconde para irem tomar um bock ao Central.

Por fim tudo debandou, quando o ultimo amigo do escriptor, repassado de tristeza e sentindo ao mesmo tempo um consolo diante d'essa obra de justiça, se foi a recordar um passado de camaradagem. Eça de Queiroz ficou-se, olhado pela Verdade, no seu manto transparente, ali a meio da rua, como a esfurancar as almas para as trasladar ao livro ironico, de face arrepanhada, esperando a sua primeira noite de gloria na praça publica, ali no largo do Quintella, onde por deshoras vagueiam vultos suspeitos e onde chegam os palavrões dos cocheiros, por onde passam os Basilio e os Reynaldos, após as perfidias, por onde passam os Amaros com os homens conhedores da Historia e da Política, condemnando a revolta.

Hão de parar por vezes em frente do monumento e um senhor de Ribamar exclamará:

— Vejam esta prosperidade!

Lá em cima param as tipóias, passam lestos os americanos, inglezas do bandós lisos galgam a escada da Arcada de Londres, e de cima, do Camões, vem o zumbir da turba que procura pão, surgindo dos bairros do crime e do vicio.

Todos os dias, malherzinhas magrisellas, cahidas, de peitos achatados, tossicando, olheirentas, com crianças pela mão, uns petizes famelicos, de olhos pisados, hão de passar diante da estatua para a Assistencia Nacional.

O senhor conde de Ribamar ha de repisar:

— Vejam que prosperidade!...

Eça de Queiroz, como outr'ora o João da Eça, assestando o monoculo, dirá ao vel-os buscando salvação:

— Já não merece a pena correr na vida!...

Ali ficará para sempre o supremo artista, vondo a obra forte de verdade nas miserias da rua, sob o manto diaphano das prosperidades, que são a phantasia; ali ficará ironico e critico como em vida.

E um dia o conselheiro Acacio ha de escrever o seu panegyrico, com a mira na gran cruz de S. Thiago, e quem sabe se com a ambição justa de uma cadeira na Academia.

ROCHA MARTINS.



A ACTRIZ ITALIA VITALIANI
 L DA JOHENSE CARLOS DECE E QUE REPRESENTOU NO THEATRO DA TRINDADE
 AS PEÇAS «DAMA DAS CAMÉLIAS», «TORÇA» E «MAIADA»



QUELMANE—MULHERES NEGRAS N'UMA CONDUÇÃO



QUELMANE—A CONTINUAÇÃO DA RUA DE S. DOMINGOS



A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS NO INSTITUTO D. AFFONSO, CREADO PARA INTERNATO DAS FILHAS DOS OFFICIAES FALLECIDOS

S. M. A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA, COM SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. AFFONSO, PROTECTOR DO INSTITUTO, PREMIANDO AS ALUMNAS MAIS CLASSIFICADAS NOS EXAMES DO ANNO ANTERIOR, NA ULTIMA SESSÃO EM 1 DE NOVEMBRO



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ, REALISADA EM 9 DE NOVEMBRO NO LARGO DO QUINTELLA. — RAMALHO ORTIGÃO LENDO O SEU DISCURSO



CONDE D'ALBOSA



LUIZ DE MAALHÃES



TEIXEIRA LOPES, O AUCTOR DA ESTATUA



ANTONIO CANDIDO



RAMALHO ORTIGÃO



CONDE D'ÁVILA
Presidente da commissão municipal,
que recebeu o monumento
em nome da cidade

OS VENCIDOS DA VIDA
O CELEBRE GRUPO DE QUE EÇA DE QUEIROZ FAZTA PARTE



1.º RAMALHO ORTIGÃO—2.º EÇA DE QUEIROZ—3.º CONDE DE S. SALVO—4.º ANTONIO CANDIDO—5.º CONDE DE S. BARTHOLOMEU—6.º CARLOS MATOS
7.º CARLOS LORO D'ÁVILA—8.º OLIVIERA MARTINS—9.º MARQUEZ DE S. VITAL—10.º GONCALVES JUNQUEIRO—11.º CONDE D'ALBOSA



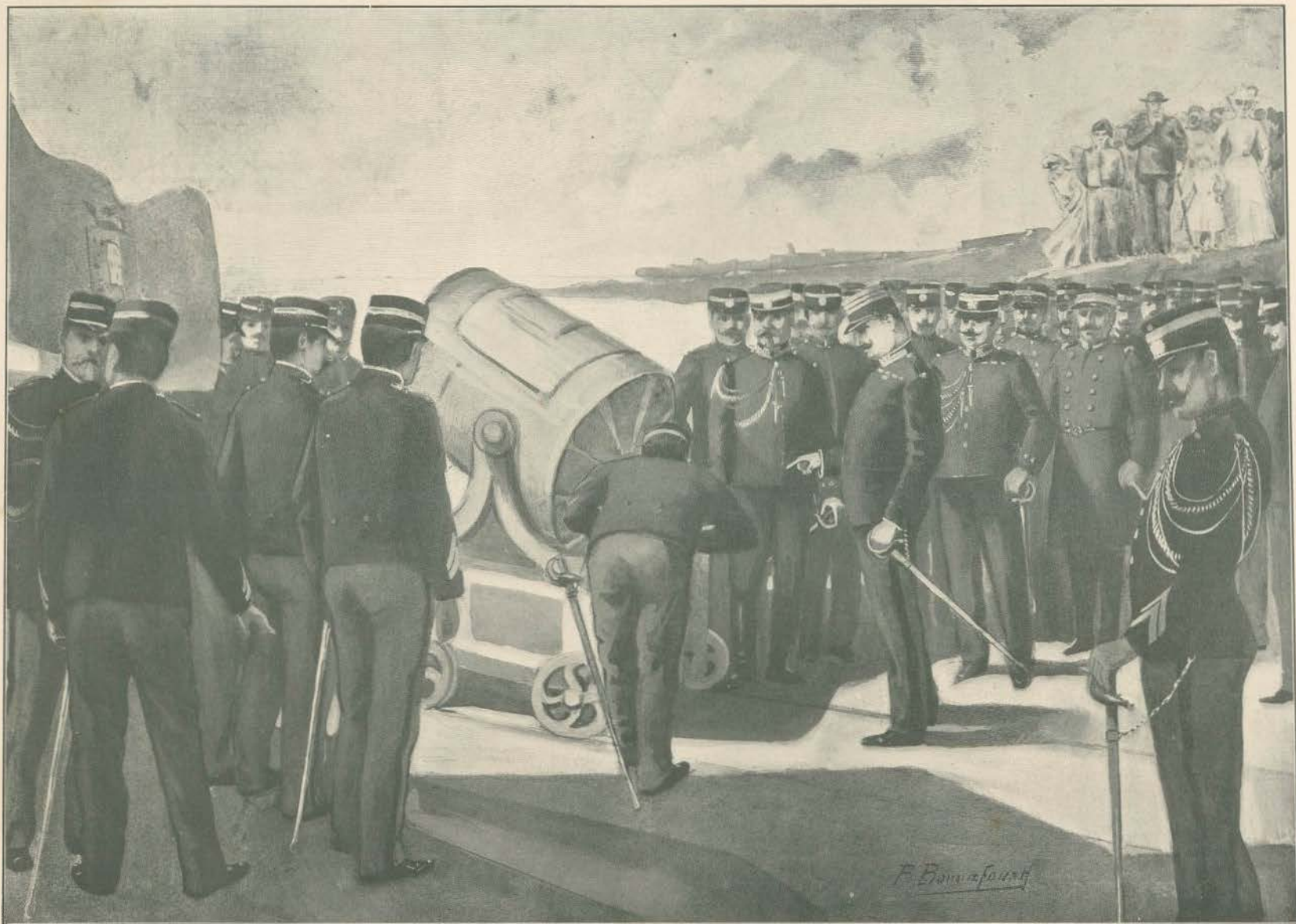
ANÍBAL SOARES
Quintanista de direito que representou
a academia de Colúmbia



ALBERTO D'OLIVEIRA
Ministro de Portugal em Stockolmo
e auctor da poesia escripta em homenagem
a Eça de Queiroz



O ACTOR FERREIRA DA SILVA
Que recitou os versos de A. d'Oliveira



A INAUGURAÇÃO DA BATERIA D. MARIA PIA, NO FORTE DAS MAIAS, EM SANTO AMARO—NO PLANO CENTRAL DO FORTE—OS ASSISTENTES EM FRENTE D'UM OBUZ



A FESTA DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA-MONUMENTO D. LUIZ I EM CASCAES, NO DIA 8 DE NOVEMBRO

A FACIENDA DO EDIFÍCIO NA AVENIDA FARO DA MAMA.—A BANHA DOS HOMENS VOLUNTARIOS DE CASCAES AGUARDANEM A CHEGADA DE SS. MM.—A SALA PRINCIPAL.—OS EX.ºS. SRS. JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO E MARQUEZ DE FRASCO, FUNDADORES DA ESCOLA, COM UM GRUPO DE CONVIDADOS



PHOTOGRAPHIA DE CAMACHO

SUA MAGESTADE A RAINHA SENHORA D. AMELIA

HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

Digressões e visitas

A casa de Francisco de Magalhães Dominguez



A VITRINE DAS FAIANÇAS

ficando o nosso inquerito, devido á amabilidade de Francisco de Magalhães Dominguez visitámos a sua casa, um pouco adiante do Campo de Sant'Anna, na rua da Alameda, a caminho de Ribafolles, a sinistra cidadella da intranquillidade e da morte.

Ficamos defronte o hospital dos doentes, o portão gradado da entrada, e mal os nossos olhos vão a evocar figuras doentias que o grande edificio e hospital dos doentes, o portão gradado da entrada, e mal os nossos olhos vão a evocar figuras doentias que o grande edificio

Na capella, que conserva ainda o seu aspecto exterior, o estuque, aberto a fogo, ainda intacto, está hoje numa mesocaria, como se o periodo actual, cheio da insanía e de audacia, outorgasse direitos de facil industrialisação. Fica apenas o palacete, com a larga portada aberta no muro, dando para uma cerca onde algumas arvores florescem no lugubre scenario de fins do outono. A esquerda, o vestíbulo com tecto em abobada e altos rodapés de azulão, proseguindo a linha de decoração pela escadaria acima e em todas as dependencias e salas. A primeira sala que visitámos foi a de jantar, no rez-de-chão, casa clara, com innumeras janellas, atravez das quaes surprehendemos tufos de tropadeiras, e mais para além, até á linha longuinha do horizonte, as ramarias da quinta, que a feira longuessa dos predios lateralmente limita.

Magalhães Dominguez é, na serie psychologica, um requintado, um miniaturista do sensibilidade, delectando-se com o porcelano, colleccionando com uma rara paciencia de benedictino tudo o que no seu espirito, fincamente educado, compraz o interessa.

O mesmo lambet azuladoorna esta sala, fixando trechos rusticos de madeira, e colheita dos fructos, as seitas, as pescas, em *rocaille* (Luiz XV).

N'uma cantareira suspensa na parede ha algumas salvas de prata, e em *clagères* lateraes faianças de Vianna do Castello, Rato, uma fonte da mesma procedencia e dois pratos de colorido vivo: Roma e Marselha.

Entre duas janellas, uma ampla *chiffre* onduçada



A SALA DE JANTAR

encerra preciosidades em crystaes de Bohemia, copos Luiz XVI, duas garrafas Luiz XIII, galheteiros de Veniza, garrafas Luiz XVI, de vidro esculhido, um ántico azul de 1835. Sobre a mesma *chiffre* ha uma linda colleção de faianças: do Rato, da Bica do Sapato e de Vianna do Castello.

Magalhães Dominguez chama a nossa attenção para

uma *suite* de frascos coloridos, de diferentes procedencias, serie rara em Portugal, mesmo nos colleccionadores do genero. Vemos ainda um buffet, um armario de vidros chinezes, e as curiosas cadeiras hollandezas, vulgares n'alguns quadros de Tenier, eadellas que no nosso mercado tem erradamente a denominação de tripeça.

Em frente de um goniol antigo, do pesos, n'uma outra *clagère* ha: umAMIL azul, outro polychromo — marca

Rato — uma fraspadeira, e novas faianças da Bica e do Porto.

Do Alentejo trouxe Magalhães Dominguez um goniol e bacia de barba, de estanho, sendo curiosa de lavores a aza.

Cyrrilla, um antigo praticos de Lisboa, tem ali uma rapida exposiçao da sua industria, e novos copos de Veniza, com uma espiral de vidro coalhado, tem tambem a sua historia de antiguidade e de despreso. Magalhães Dominguez, a tal respeito, conta-nos:

— Estiveram durante 80 annos fechados em caixotes, n'uma propriedade da Outra Banda... ninguém dava um ceifil por elles.

Subimos agora a escadaria; n'um dos lancos ostentase um espelho D. João V, e lá em cima, em curiosa disposiçao de antiga casa portugueza, visitamos um dos salões do primeiro andar.

Aqui, o estylo nem sempre é uniforme, e, assim, parte da sala é ornamentada em puro Luiz XVI, e n'um dos desvos surprehendemos um tremó dorado, Luiz XV, com o seu quadro em madeira. Ha ainda um precioso espelho em talha, Luiz XV, castiças Luiz XVI, serpentina, uma travessa da India com as armas do Marquez do Loureiral, e um prato pertencente á antiga colleção do Barão de Mesquita, em cujo fundo se esmalta um complicado brazão.

Sobre uma commoda Luiz XV ha um magnifico quadro em cobre, da escola italiana, revelando um assumpto piedoso da historia sagrada. N'um dos recantos, um contador alto, de torcidos, em que reponham a *potich* de Vianna do Castello onde se desenhava a azul as cinco chagas. Ao centro um relógio Imperio, lindo como motivo de decoração exacta.

Seria longo descrever com minucia todos os *libelats* aqui e ali collocados: uma misela Luiz XVI, outros castiças singulares, e ressaltando do fundo vermelho do *tapiz* tres tapetes de Arrajolos, sendo uma mancha suave no estiridene colorido, rubro.

Fronteira a esta, fica a sala de estudo, onde os filhos do nosso interlocutor, duas gentilissimas crianças, se entregam aos seus afazeres escolares. Aqui, a atmosphera tem um aspecto de recolhimento e de paz, a propria luz, entrando, ganha reatos, disse-hia que este bom sol de inverno hospita em abrir estiridencias de cor e pôr em alvoroco as almas juvenis, que procuram, no trabalho, educar o espirito para a ardua labuta social. E' um recanto de paz, sobrio de decorações, em que predomina a symphonia do vermelho *foncé*: no papel queorna as paredes, no tapete, na colcha calindo em recamos e frangas sobre o piano — recolhimento e paz que esse interior confortavel suggera, pelos velhos paineis suspensos em tanta symetria, por tudo o que aquelle lar nos diz, de felicidade, do amor e de pacificação.

Entre os retratos a oleo notam-se um amplo painel do D. Busto Villegas, o bispo de Avila, de um colorido flagrante, e duas princezas da casa d'Austria.

Magalhães Dominguez mostra-nos uma gravura que é um primor de desenho e de trabalho de buril. A legenda refere:

«Notradamus pis fait voir dans l'avenir à Marie de Medicis le thron des Bourbons qui lui est destiné.» Ranssonette, son graveur.

Vimos ainda: uma gravura em cobre, copia de Salvator Rosa, assignada por El-rei D. Luiz, com a data: 1858, e uma outra de El-rei D. Fernando, assignada F. C. (Fernando Colbargo).

Mas, a mais curiosa colleção de recordações artisticas, aparte alguns valiosos quadros da escola flamenga, é uma serie de pequenitos *Diarios ecclesiasticos*, «para o reino de Portugal», alguns encadernados em marroquim verde, encarnado, branco, outros em velludo, bordados com lantejoulas, e que era a edição especial para os bispos.

N'uma das paginas d'esses pittorescos almanachs, «folhinhas», segundo a denominação da epoca — ha-a de

1774, 1717, etc. — lémos esta passagem, que dá, n'um lance, o jornal d'enho:

«Dias em que chega e parte o correio de varias terras d'este Reino e dos Estrangeiros:

— Lisboa tem correio duas vezes por semana. O da Beira chega á sexta e parte ao domingo pela manhã. O do Alentejo, Algarve e Andaluza chega á segunda e parte á terça de tarde. Os de Madrid, França, Italia e



UM QUARTO DE DORMIR

terras do Norte chogam á sexta e partem á terça de tarde.

Um dos minuciosos volumes, em marroquim branco, traz o medalhão de D. João, o príncipe regente.

E, quando perguntámos a Magalhães Dominguez onde obtivera essa interessante colleção, diz-nos:

— Na feira da Ladra, pelos ferros-velhos. Ainda não ha muito comprei 40 volumes diferentes por 15 réis cada. No colleccionador a paciencia é... a alma do negocio.

O privilegio d'esta publicação foi cedido por D. Maria I aos Padres da Congregação do Oratorio de Lisboa, conforme fôra decretado por D. João V. Quem as copias, em mandasse vir de fóra, ou introduzisse internamente nos Prognosticos incorreria «na pena de 200 mil réis pela primeira vez, 400 mil réis na segunda, e do ameteado para o denunciante e a outra ameteado para as despozas do Hospital real d'esta corte.»



O QUARTO DE MARIA CONSTANÇA

No armario onde esta serie se exhibe vimos ainda varias joias antigas, uma magnifica miniatura da imperatriz Eugenia, alguns leques coloridos — Luiz XIII — Imperio, simples, de uma sobriedade grata.

Um velho pergaminho: é uma Bula do Papa Alexandre VI — pae do Lucrecia Borgia — bula dada com S. Pedro de Roma a 18 de julho de 1498, anno VI do seu

pontificando, em a qual o Papa, a instancias de João Gonçalves da Câmara, capitão da Ilha da Madeira, manda que os visitantes das religiosas de Santa Clara do Fun-



A CASA D'ESTUDO DOS FILHOS DO EX.^{mo} SR. MAGALHÃES DOMINGUEZ

chal, d'aquella ilha, não entrem dentro do convento por razão de visitar, sob pena de excommunição, e que os confessores não entrem mais que por razões de sacramentos.

Este pergaminho traz pendente um selo de chumbo,

estando gravado n'um dos lados o nome do Pontífice e no reverso as cabeças de S. Pedro e de S. Paulo. E evocamos o perfil moral de Alexandre VI que, segundo parece, não morreu envenenado, como a lenda apregoa, conforme as ironias acres de Voltaire.

D'esse Pontífice escreveu J. de Maistre: «Le ballajou de ce monstre est impeccable.»

Mas Magalhães Dominguez mostra-nos ainda um magnífico prato de Sevres, que outrora pertenceu ao convento de Santa Barbara, em Strasburgo, n'aquelle recanto florido da Alsacia-Lorena. Esse primor artistico foi pintado por Taulart o dourado por Teodore.

No primeiro andar ha ainda o quarto de cama do nosso interlocutor: cama D. João V, commoda Luiz XV, cadeiras D. João V e alguns tapetes de Arraiolos. No oratório existe um Christo crucificado, escultura em madeira, que é uma obra de arte. A figura macerada do agonizante refere a resignada fé do que expira, e os seus olhos virados para um derradeiro olhar de piedade e de perdão.

N'este quarto, o rodapé narra uma commovente historia, inscripta nas figuras amolejadas. Historia convulsa da meia-idade, em que uma rainha, toda nua, vai ser queimada viva, por entre o riso hostil de uma legião irreverente.

No segundo andar estão os quartos de dormir das crianças. O de Maria Constança: uma cama do colum-

nas, commoda Luiz XV e um tremá dourado; o de Antonio; cama D. João V, commoda Luiz XV, um buffete pequeno e um oratório.

E' assim a habitação finamente artistica que visitamos.



UMA SALA LUIZ XVI

Novamente aqui reiteramos a Magalhães Dominguez o nosso agradecimento pelo seu gentil acolhimento.

SANTOS TAVARES.



UM ASPECTO DA ULTIMA FEIRA MESSAL DE GADO NO CAMPO GRANDE.



SAGRAÇÃO DO EX.^o SR. D. JOSÉ DE MATTOS, ARCEBISPO DE MYTILENE, NA EGREJA DO SEMINARIO DE SANTAREM, EM 8 DE NOVEMBRO—O CORTIJO A CAMINHO DA CAPELLA-MÓR



NA FESTA DE SABBADO, 7 DE NOVEMBRO, NO SPORTING-CLUB DE CASCAES, PROMOVIDA PELA EX.^{MA} SR.^A DUQUEZA DE PALMELLA, A FAVOR DA ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE PARA POBRES DOENTES

1.^o — BARRA JAPONESA — AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES PELAS EX.^{AS} SR.^{AS} D. ALDA GONDES (ALBEMINIA) E D. ANNA TUDHOPE DE MELLO (JAPÃO). — 2.^o — A VOLTA DA BATALHA DE CENA MARROQUINA EM QUE TOMARAM PARTE AS EX.^{AS} SR.^{AS} D. TEREZA CALHEIROS (GUARDA) E O EX.^{MO} SR. MARQUE DE AYAL, D. FERNANDO DE SOUSA, LOPE CRISTÓ, JAYME GILMAN, RAUL GILMAN, FILIPE DE VILHENA, RAUL LINO E JOSÉ COLLADO. — 3.^o — QUADRO DEBILDO — FELIZ E REBECA, PELA EX.^{MA} SR.^A CONDDESSA D'ARONSO E ANTONIO TEIXEIRA LOPES, AUXILIADOS DO CONSTRUTOR PELA EX.^{MA} SR.^A D. EBANICEA D'ALMEIDA DA COSTA LIMA, D.^{OS} ALAS GONDES (ALBEMINIA) E O CHEFEIRA CRESPO. — 4.^o — BILHO, BARRA DO QUANTO DE COSTUMES DEBILDO.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Que mundo de esculturas em ruínas nos cercava! Em fila—empilhadas—espalhadas a eito sobre a vasta área da Acropole—havia centos de estatuas mutiladas, de todos os tamanhos e do mais perfeito acabamento; e numerosos troços de mármore que outr'ora pertenciam aos entalhamentos cobertos de baixos relevos que representavam batalhas e cérvos, navios de guerra com tres e quatro ordens de remos, seqüites e cortejos—tudo o que se pode imaginar. Dá a historia que os templos da Acropole estavam repletos das obras mais perfeitas de Praxiteles e de Phidias e de muitos outros grandes mestres—e não ha duvida que esses elegantissimos fragmentos e attestas.

Saltamos para o pateo arrelvado e juncado de pedaços que fica para além do Parthenon. Do quando em quando estremeçiamos ao ver um alvo rosto de pedra fitar-nos subitamente, de entre as hervas, com os seus olhos mortos. O lugar dir-se-hia povoado de phantasmas. Afigurou-se-me quasi vêr os heroes de Athenas de ha vinte seculos deslizar das sombras e sumirse no interior do velho templo, que elles tão bem conheciam e contemplavam com orgulho sem limites.

A lua cheia empoeira agora no céu sem nuvens. Caminhando á sorte e á ventura fomos dar á aresta das altas ameias da cidadella, e olhámos para baixo—uma visão! E que visão! Athenas ao luar! O poeta que cuidou que os esplendores da Nova Jerusalem lhe foram revelados, do corte fo isto que elle viu. Jazia na planura á direita sob os nossos pés—como um quadro tombado—e viamo-la como se fosse de um balão. Nada que se parecesse com uma rua, mas todas as casas, todas as janellas, todas as vinhas presas, toda a projecção, eram tão distinctas e pronunciadas como se fosse meio dia; e, contudo, não havia nenhum clarão, nenhum vivo fulgor; nada era e repellente—á munda cidade estava banhada na luz mais suave que jamais se sacou da lua, e fazia lembrar algum ser vivo envolvido n'um sonho pacifico.

No extremo da cidade via-se um pequeno templo, cujos delicados pilares e adornada frente resplandiam de tal modo que captivavam o olhar como um grito; e mais proximo o palacio do rei erguia os seus brancos muros do meio de um grande jardim do arbutos, que em toda a sua extensão se via cheio de uma profusão caprichosa de lúes de ambar—um estendal de pontos dourados, que desmaiavam no resplendor da lua, e scintillavam

suavemente sobre o mar da escura folhagem como as estrellas pallidas da via-lactea. Por cima de nossas cabeças as soberbas columnas, ainda majestosas na sua ruína—aos pés a cidade adormecida—no longo o mar argenteo. Nada faltava ao quadro. Era perfeito. Na volta, quando novamente atravessámos o templo, quizera eu que os homens illustres, que n'elle se haviam sentado em tempos remotos, e pudessem visitar outra vez e patentearem-se aos nossos olhos curiosos—Platão, Aristoteles, Demosthenes, Socrates, Phocio, Pythagoras, Euclides, Pindaro, Xenophonte, Herodoto, Praxiteles e Phidias, o pintor Zeaxis. Que constellação de nomes celebres! Porém, mais que todos, desejei que o velho Diogenes, tão cheio de paciência, e tão apalpadellas, de lanterna na mão, buscando com tanto zelo um só homem honrado em todo o mundo, pudesse girar por alli e esbarrar connosco. Não devo dizel-o, talvez, mas ainda supponho que elle apagaria a luz.

Deixámos o Parthenon de vigia á sua velha Athenas, como elle o fez por espaço de dois mil e trezentos annos, e fomos e demorámo-nos além das muralhas da cidade. A distancia, o antigo, mas ainda quasi perfeito, templo de Theseu, e junto d'elle, voltando ao occidente, o Bema, d'onde Demosthenes trovejava as suas philippicas e inflamou o patriotismo vacillante dos seus conterraneos. Á direita o monte de Marte, onde era na antiguidade o Arópago, e onde S. Paulo definiu a sua posição, e por baixo a praça do mercado, onde elle disputava todos os dias com os athenienses amantes da conversação. Trepámos os degraus de pedra que S. Paulo subiu, e estivei-mos no logar, em forma de praça, em que elle esteve, e tentámos recordar-nos do que vem na Biblia a esse respeito—mas, por certas razões, não me acudiram as palavras. Encontráreis depois:

Dizem assim:

16 E, enquanto Paulo os esperava em Athenas, o seu espirito se sentia commovido em si mesmo, vendo a cidade toda entregue á idolatria.

17 Disputava parlando na synagoga com os judeus e proselytos, e na praça todos os dias com aquelles que se achavam presentes.

18 E, depois do pegarem n'elle, o levaram ao Arópago, dizendo: Podemos nós saber que nova doutrina é essa que pregas?

22 Paulo, pois, posto em pé no meio do Arópago, disse: Varões athenienses, em tudo e por tudo vos vejo um pouco excessivos no culto da vossa religião.

23 Pois, indo passando e vendo os vossos simulacros, achei tambem um altar em que se achava esta letra: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois aquelle Deus, que vós ado-

raes sem o conhecer, esse é de facto o que eu vos annuncio.

(Act. dos Apost. Cap. XVII).

Ocorreu-nos, passado um momento, que, se nos era preciso estar a bordo antes que a luz do dia nos atraísse, o melhor era irmos andando. Por isso nos apressámos. Já muito longe, relanceámos um olhar de despedida ao Parthenon, com a lua derramando a sua claridade sobre suas columnatas abertas e prateando os seus capiteis. Nunca mais esqueceremos o aspecto que elle offerecia então, solenne, grandioso e bello.

Ao passo que seguíamos o nosso caminho, principiámos a perder o medo, e deixámos de pensar muito em guardas de quarentena ou em qualquer outra coisa. Tornámo-nos atrevidos e desinquiets; e, de uma vez, n'um assomo repentino de coragem, até atreí com uma pedra a um cão. Fiquei, porém, satisfeito de não lhe ter acertado, porque bem podia o dono ser da policia. Animado por esse motivo, o meu valor tornou-se indomito, e por vezes assobiei positivamente, embora em tom moderado. Mas a osadía gora a osadía, e dentro em pouco me embrenei n'uma vinha, em pleno luar, e colhi uma porção de bellas uvas, sem se me dar da presença de um camponez que por ali andava montado n'uma mula. Dionysio e Birch seguiram o meu exemplo. As uvas que eu tinha chegamam bem para doze pessoas, mas, como Jackson então se sentiu tomado de coragem, penetrou logo n'uma vinha. Metton-nos em trabalhos o primeiro cacho que elle apañou. Porque um bandido, carrancudo e barbado, surgiu na estrada com um tiro e a florear uma espingarda á luz da lua! Desviámo-nos para o lado do Diren—não a correr, bem entendido, mas só avançando com rapidéz. O bandido disparou outro tiro, e nós sempre avançando. Ia-se fazendo tarde, e não tínhamos tempo para conversar com extranhos. Logo Dionysio disse:—Estes homens seguem-nos!

Voltámo-nos, e, com toda a certeza, lá estavam elles—tres saltadores phantasticos armados de espingardas. Aproximámo-nos passo para os deixar approximar, e tratámo de tirar a minha carga de uvas o escondidas bem, mas com diffidência, na sombra, á beira da estrada. Contudo, eu não tinha medo. Sentia apenas que não era bem feito furtar uvas. Tanto mais que o dono estava alli perto—e não só perto, mas com os seus amigos tambem em torno de si. Os homens alcançaram-nos e passaram revista a um embrulho que o dr. Birch levava na mão, e franziram o sobrolho quando reconheceram que o embrulho não continha mais que sagradas pedras do monte de Marte, que não eram contrabando. E' evidente

II



A Grécia moderna.—Grandeza cabida.—Navegando pelo Archipelago e os Dardanellos.—Pegadas da história.—Fundos do porto de Constantinopla.—Trajes frascotes.—O engenheiro guardador de patos.—Alfajedes assabrosos.—A grande mesquita.—As mil e uma columnas.—O grande bazar de Stambul.

Em toda a extensão que percorremos através das ilhas do archipelago grego não vimos senão costas fastidiosas e montes estériles, algumas vezes coroados por tres ou quatro columnas elegantes de algum tempo antigo, solitario e deserto—symbolo apropriado da asolação que alastrou por toda a Grécia n'estes últimos seculos. Os campos que se viam não estavam arados, aldeias poucas, arvores, relva ou vegetação de qualquer especie, muito raras, e rarisimo lobrigar uma casa separada. A Grécia é um triste e sombrio deserto, aparentemente sem agricultura, fabricas ou commercio. O que sustenta o seu povo ou o seu governo, cheios de pobreza, é um mysterio.

Supponho que a Grécia antiga e a moderna comparadas apresentem o contraste mais extravagante que se pode encontrar na historia. Jorge I, rapaz de dezotto annos e producto das chancellarias estrangeiras, assentase nos logares de Theomistocles, de Pericles e dos illustres sabios e generosos dos aureos tempos da Grécia. As armadas que eram o asombro do mundo, quando o Parthenon era novo, agora não são mais que uma reunião de barcos de pesca, e o povo varonil que obrou tantos prodigios de valor em Marathon á apenas hoje uma tribu de reles escravos. Secouo o classico Ilyasso, e o mesmo tem succedido a todas as fontes de riqueza e de grandeza da Grécia. A nação conta apenas oitocentas mil almas e ha pobreza, miséria e mendicidade que chega para outros tantos milhões, e ainda ha de sobejar. No tempo do rei Othão a receita do estado era de cinco milhoes de dollars—cobrada do imposto da *decima* de todos os productos da cultura da terra (decima que o agricultor tinha de levar aos colleiros reaes em bestas de carga a qualquer distancia não excedente a seis leguas) e de impostos extravagantes sobre o trafego e o commercio. Com esses cinco milhoes o tyranno tratou de manter um exercito de dez mil homems, de pagar os salarios de centos de intuits escudeiros, creados de quarto, ministros da fazenda arruinados, e outros absurdos, a que são inclinados esses reinos em miniatura, para imitarem as grandes monarchias; e, além d'isso, deu-lhe para edificar um palacio de marmoro branco, que importaria em obra de cinco milhoes. O resultado foi simplesmente: tres vezes nove vinte e sete, novees fóra nada. Tudo isso não podia fazer-se com cinco milhoes, e Othão vinso em difficuldades.

O throno da Grécia, com os seus nada promettedores accessorios de uma população esgarapada de habitadões maraus desempregados oito mezes no anno, pois que pouco havia para elles tomarem de emprestimo, e menos ainda para confisarem, e uma amplidão de montes estériles e de desertos cobertos deervas parasitas, esmolou durante um certo tempo. Foi offercido a um dos filhos da rainha Victoria e depois a varios outros rebentos mais novos da realoa, que não tinham thronos e estavam dispoiveis, mas todos tiveram a caridade de declinar a triste honraria, e o bastante veneração pela antiga grandeza da Grécia para se negarem a zombar dos seus mesquinhos andrajos e immundie com um throno fingido n'estes dias da sua humilhação—até que foram dar com este moço dinamarque Jorge, e elle lançou-lhe a mão. Foi quem acabou o esplendido palacio que eu vi ao irradiante luar da outra noite, e, segundo se diz, está fazendo muitas outras cousas para a salvação da Grécia.

Atravessámos o arido archipelago e o estreito canal algumas vezes denominado os Dardanellos, e outras o Hellesponto. Esta parte do país é rica de reminiscencias historicas, e pobre como o Sahara em tudo o mais. Por exemplo, quando nos aproximavamos dos Dardanellos, costeados as planicies de Troia e passámos além da foz do Scamandro; vimos onde fóra Troia e onde agora já não é—uma cidade que morren quando o mundo era novo. Os miseros troianos são todos mortos agora. Tinham nascido muito tarde para verem a arca de Noé, e finaram-se cedo para verem a nossa *ulangerie*. Vimos onde se encontraram as esquadras de

Agamemnon, e lá ao longe, para o interior, uma montanha que o mappa dizia ser o Monte Ida. No Hellesponto vimos o sitio que Leandro e lord Byron passaram a nado, o primeiro para ver aquella em quem as affeições da sua alma estavam fixadas com uma dedicação que só a morte podia alterar, e o segundo por mera jaclinção, como diz Jack. Proximo de nós havia tambem dois tumulos colobores. N'uma praia Ajax dormia o derradeiro sono, e Heonba na outra.

De um e de outro lado do Hellesponto, á flor da agua, vimos baterias e fortes, em que fluctuava a bandeira da Turquia, com o seu alvo crescente, uma vez por outra uma aldeia, e algumas vezes uma caravana; tudo isso tivemos para espalhecer os olhos até entrarmos no amplo mar do Marmara, e quando pouco depois a terra se nos sumiu da vista, tornámos mais uma vez ao whist.

Lançámos ferro á entrada do Corno de Ouro, sendo já manhã clara. Só três ou quatro estavam a pé para vêr a grande capital otomanna. Os passageiros não se levantam a horas incommodas, como costumavam d'antes, para colherem o mais cedo possível o panorama do notaveis cidades estrangeiras. Acabaram com isso. Hoje em dia, se acaso ostivéssemos á vista das pyramides de Egypto, não haia medo que elles viessem para o convex sendo depois do almoço.

O Corno de Ouro é um estreito braço de mar, ramificação do Bosphoro (espécie de rio largo em que se reune o Mar de Marmara e o Mar Negro), que, fazendo uma curva, divide a cidade ao meio. Galata e Pera estão de um lado do Bosphoro com o Corno de Ouro; Stambul (a antiga Byzancio) está do outro lado. Na outra margem do Bosphoro ficam Scutari e outros arrabaldes de Constantinopla. Contém esta grande cidade um milhão de habitantes, mas são tão estreitas as suas ruas, tão condensadas as suas casas, que não occupa muito maior espaço que metade do terreno em que assenta a cidade de Nova York. Vista do ancoradouro ou á distancia de uma milha, pouco mais ou menos, no Bosphoro, é seguramente a cidade mais formosa que temos visto. A sua densa espessura de habitações surge do luno de agua, e nos espelham aqui e allá, as grandes espheras das mesquitas e os minaretes sem conta, que saltam nos olhos por toda a parte, dão á metropole o formoso aspecto oriental com que sonhamos quando lemos os livros de viagens no Oriente. Constantinopla fórma um bello quadro.

FOLHETIM N.º 2

(Continua.)

que suspeitaram de que elle praticava com elles uma baixa fraude e pareciam muito inclinados a tirar-nos a pelle. Mas, por fim, mandaram-nos embora com um aviso formulado em excellento grego, creio eu, e deixaram-nos tranquillamente seguir o nosso caminho. Teriam andado umas trezentas jardas, quando pararam, e nós continuámos alegres o nosso caminho. Era senão quando outro reptil armado nos sac da sombra, tomou o lugar do elles, e seguenos umas duzentas jardas. Passou-nos depois a outro patife, que emergiu de um lugar mysterioso, e esse, por sua vez, nos obrigou a outro! Por espaço de milha e meia a nossa retaguarda foi guardada todo o caminho por homens armados. Nunca na minha vida tinha viajado com tamanho estado.

Passámos um bom bocado d'ahi por deante até nos aventurarmos a furtar mais uvas, e quando tal faziamos, despertavamos outro incommodo bandido, e por esse motivo puzemos isso de parte. Supponho que o camponez que ia n'uma das suas milia postára todas as sentinellas de Athenas ao Pireu em torno de nós.

N'essa comprida estrada cada campo tinha um guarda de vigia, e alguns tinham, sem duvida, almocedico, sem, todavia, deixarem de estar promptos á primeira voz. Isto mostra que especie de terra é a moderna Attica — uma communitade de caracteres divididos. Não estavam alli esses homems para defender as suas terras de extranhos, sim uns dos outros; porque extrangeiros raras vezes visitam Athenas e o Pireu, e, quando o fazem, é de dia, e podem comprar as uvas que quiserem por uma bagatella. Os modernos são rapinantes e falsificadores de grande reputação, se a fama é verdadeira, e o plamento creio que o é.

Quando os primeiros rubores do amanhecer tingiram o oriente, e converteram o Parthenon com as suas columnas n'uma harpa quebrada suspensa do horizonte cor de perola, fizemos a nossa decima terceiro milha de cançada marcha circular, e descobrimos na praia em frente dos navios — com a nossa escolta ordinaria de mil e quinhentos cães do Pireu a ladrarem nos intendentes. Gritámos a um bote que estava a duzentas ou trezentas jardas da praia, e percebemos n'um instante que era um escalear da saúde, que estava de guarda aos navios de quarentena, para o caso de impedirem que alguém de bordo tentasse sair. Safámos-nos, por consequencia — já estavamos acostumados a fazel-o — e, quando os guardas chegaram ao logar onde nós havíamos estado, já eramos ausentes. Seguíram pela praia fóra, mas em direcção errada, e dentro em breve appareceu-nos o nosso escalear, que nos levou para bordo. No navio tinham ouvido o signal que fizemos, e por alli adante fomos remando sem fazer bulha, e antes que a policia do porto nos enxorgasse estavamos mais uma vez a salvamento a bordo.

Mais quatro dos nossos passageiros estavam ansiosos por visitar Athenas, e largaram do navio meia hora depois da nossa chegada; mas não chegaram a estar cinco minutos em terra sem que a policia do porto os lobrigasse e os perseguisse tão fortemente que elles com difficuldade saltaram no seu bote, e com isso terminou a aventura.





MONSENHOR BOVIERI
encarregado dos negócios de S. S. em Lisboa



O CONDE-ALMIRANTE IVO FERREIRA
Fallecido em 8 de novembro



SUA EMINÊNCIA O CARDEAL AGUIAR
ex-nunçe apostólico em Lisboa

CHRONICA ELEGANTE



FIGURA 1

Dizem que o inverno é a estação dos ricos, e de facto não ha época de anno que melhor se preste á exhibição dos tecidos opulentos para *toilettes* de noite, das rondas vaporosas e das deslumbrantes joias que as adornam.

Durante as horas da tarde, nos passeios elegantes, os rostos gentis, os buchos graciosos passam emoldurados e envolvidos nas mais preciosas *foufures* e rochados nos valiosos estofos das magníficas equipagens.

A moda, sempre caprichosa, lem-



FIGURA 2

brase de vez em quando de dar fóros de elegancia a alguma pelle de valor secundario, como o anno passado ao *pell-gris* e este anno á toupeira, que é hoje a *foufure* em evidencia, e que só se recommenda pela grande quantidade de animos que são sacrificados para a confecção de qualquer objecto; calcula-se para uma *jaquette* 250 pelles!

Actualmente é da maior elegancia comir duas qualidades de pelles, servindo uma de guardião. As blusas de lontra ou marlin, com gola, estola e punhos de armiño ou chinchilla. A gravata estreita, feita de pelle clara e forrada de outra em escuro, é tambem novidade; porém, para estar no tom, não deve ser abotoada nem acolhe-

tada, mas simplesmente *atada* com um nó.

A *foufure* emprega-se nas *toilettes* de manhã, de tarde, de passeio, de visitas, de noite e mesmo allada nos vestidos fins de baile, formando um delicioso conjunto com as rendas, joias e flores.

Os *manteaux* de dia e de noite fôrram-se inteiramente de pelles; para os ultimos emprega-se o armiño, que é a *foufure* verdadeiramente real; offerece esta pelle uma particularidade curiosa: morto o armiño no verão, o

pello é um tanto amarellado e levemente rosado, e no inverno é de um branco purissimo.

Apesar de todos os caprichos e decretos da moda, as pelles de maria, raposa, lontra, breichwanz chinchilla,

armiño, etc., são sempre consideradas como da maior opulencia e occupam o logar de honra nas *toilettes* das illustrias.

Uma pelle de *renard argenté*, convenientemente preparada para *boa*, custa em Paris 2000 francos, e esta não é ainda considerada como a mais rica *foufure*.

E, francamente, se pensarmos bem nas inclemencias, nos perigos e nos soffrimentos de toda a especie supportados pelos caçadores das longuinhas regiões em que esses animos são apaulados, no sem numero de mãos por que passam as pelles antes de chegarem a constituir opulentos adornos, não nos admiraríamos de certo dos preços fabulosos que ellas attingem!

FIG. 1. — *Toilette d'après midi* em panno cinzento arredado e bordado com a saia orlada de duas tiras de maria.

FIG. 2. — Estola e regalo em maria.

FIG. 3. — Manteau para a noite em panno branco bordado a ouro e ornado de chinchilla.



FIGURA 3



A LANCHA "COLUMBIA II", NA QUAL O CAPITÃO LUDWIG EISSUBRAUN FEZ A TRAVESSIA DE HALIFAX (AMERICA) AO FUNERAL



SAUL PEREIRA
Violinista portuguez recentemente admitido por concurso na Escola Imperial Superior de Musica de Berlim